

## **O IMAGINÁRIO DO TRABALHO NO CAPITALISMO: DO TRABALHO ASSALARIADO AO TRABALHADOR DE PLATAFORMAS DIGITAIS**

MARINA ANTUNES RODRIGUES<sup>1</sup>;  
WILLIAM HÉCTOR GÓMEZ SOTO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – antunesmarina415@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – william.hector@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho é um esforço de síntese dos aprendizados construídos na cadeira de Sociologia V, do Curso de Ciências Sociais - Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, que discute a sociologia brasileira, somado a uma análise interpretativa de textos que cruzam os corredores da instituição. Aqui faço uma relação entre as ideias de homem cordial de Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* (1997), as correlações entre tradicionalismo personalista e racionalidade impessoal das quais tão bem trata José de Souza Martins, em seu texto “A aparição do demônio na fábrica, no meio da produção” (1993) e da tese de doutorado de Guillermo Stefano Rosa Gómez, egresso deste curso, intitulada “Etnografia dos valores do trabalho e do dinheiro entre motoristas de aplicativo em Porto Alegre (Brasil) e Atlanta (EUA)” (2022). A ideia é que, articulando devidamente estes autores, seja possível refletir sobre o imaginário em relação ao trabalho em diferentes contextos do capitalismo. A proposta surge da necessidade de ir além do que a sala de aula comporta, exercitando a pesquisa e a curiosidade, e de uma provocação do professor responsável, William Héctor Gómez Soto, que propôs tal atividade como parte do processo avaliativo.

### **2. METODOLOGIA**

A partir das aulas expositivo-dialogadas ao longo da disciplina de Sociologia V e da leitura dos textos: *Raízes do Brasil* e *A aparição do demônio na fábrica*, no meio da produção, as ideias começaram a se construir acerca da pergunta: as etapas do capitalismo, que vemos refletidas nas escritas destes autores, possuem imaginários próprios acerca dos significados do trabalho? Para respondê-la articulo tais leituras a uma recomendada, complementarmente, pelo professor – a tese de doutorado de Guillermo Stefano Rosa Gómez –, e início uma análise bibliográfica, onde leituras, releituras, fichamentos e debates compõem a metodologia do presente trabalho.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com a interpretação da espinha dorsal do Estado brasileiro, feita por Sérgio Buarque de Holanda, em seu livro *Raízes do Brasil*, onde o autor traz à luz a partir de seu conceito de homem cordial, que por estas bandas o Estado nunca foi apenas racional, moderno e superação da família, muito pelo contrário, se provou enquanto sua extensão, se alimentando das estruturas patriarcais e paternalistas para se constituir, podemos pensar então como o trabalho, elemento fundamental para a constituição de uma nação, se apresenta no nosso ideário. É sabido que quando pensamos no mundo antes da consolidação definitiva do

capitalismo através da revolução industrial – e pensando especialmente no Brasil, a organização dos povos originários –, as noções de trabalho às quais recorremos são aquelas onde ele é organizado a partir da família e da comunidade, de acordo com uma hierarquia, papéis sociais de gênero e idade. Era voltado à sobrevivência, necessário para a reprodução da vida, por tanto seu ritmo era ditado por estas necessidades diárias. Quando muito, algo se acrescentava em termos de acúmulo para as estações menos fartas, ou para – aqui espiando a Europa e sua organização feudal – o pagamento da talha.

No capitalismo, principalmente nos países ditos centrais, a transformação do trabalho é organizado longe do ambiente familiar, pelos donos dos meios de produção, os trabalhadores não possuem mais o controle total dos processos e passam a vender sua mão de obra, ainda com o objetivo principal de reproduzir sua vida e a de sua família, mas indo muito além do que seria necessário para alcançar tal meta, gerando assim, o lucro. Aqui se espera que este afastamento físico gere impacto psicológico também: o mundo moderno exige uma mentalidade racional, científica e *moderna*. Esse processo é muito bem descrito por José de Souza Martins, em seu texto “A aparição do demônio na fábrica, no meio da produção” onde o autor relata as formas de resistência dos mestres e contramestres da seção de ladrilhos da Cerâmica São Caetano frente ao conhecimento técnico dos engenheiros. De um lado conhecimentos construídos de maneira empírica, que os mestres defendiam merecer espaço e domínio sobre outros, já que foram construídos ao longo de anos de experiência, e passados de geração em geração dentro de suas famílias, de outro o conhecimento científico, construído dentro de laboratórios e baseados em evidências. Aqui começamos a ver como a resistência à separação entre o tradicional e o moderno se dá no nosso país. Apesar do avanço capitalista exigir que o novo supere o antigo, aqui nutrimos um com o outro, fazêmo-los coexistirem em uma relação dialética.

Avançamos mais um pouco no tempo e o domínio é exercido num espaço metafísico, são algoritmos cinzentos que ditam e organizam o trabalho, estamos na economia de plataformas. Essas plataformas não possuem meios de produção, não se apresentam como um padrão, são presenças abstratas que fazem brilhar telas de smartphones com ordens e urgências, enquanto se disfarçam de oportunidade de liberdade, empreendedorismo e inovação. Mas o que Gómez (2022) nos mostra é que os trabalhadores brasileiros não embarcam tão rapidamente nestas promessas: resistem, permutam os significados, desafiam os pilares dessa visão de mundo neoliberal onde o trabalho é um meio para o alcance da riqueza, da realização do sonho de se tornar um bilionário com um negócio na garagem dos pais. Ao conversar com trabalhadores dos aplicativos de transporte, percebe em suas histórias sonhos que se relacionam muito ainda com as formas tradicionais de ver o trabalho: garantia de dignidade e estabilidade de vida para si e para sua família, casa própria, previdência social, desejo de criar um negócio próprio, que honre suas origens e o que aprendeu com a mãe, são expressões que o capitalismo em sua mais recente faceta vem tentando suprimir, mas encontra resistência.

#### 4. CONCLUSÕES

Pensar a dimensão do trabalho no Brasil não é tarefa simples e não se exaure em três leituras, assim como não se aproxima do fim, o debate sobre as dimensões tradicionais, modernas e neoliberais que se correlacionam no capitalismo periférico brasileiro. Mas o exercício se mostra útil para pensarmos

como as ciências sociais brasileiras podem se fortalecer, com o uso de variadas metodologias para análise da nossa sociedade: de Holanda com sua análise histórica e comparativa, a Martins em sua observação participante *a posteriori*, e Gómez na etnografia multi-situada. A articulação destes autores nos traz perguntas interessantes: a adesão ao trabalho em plataformas digitais está vinculada, além da necessidade econômica, a elementos ideológicos? Essa nova forma de organização do trabalho superará as anteriores, será capaz de substituir os significados dados ao trabalho no passado, com os seus? Se sim, porquê? Se não, porquê?

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GÓMEZ, Guillermo Stefano Rosa. **Etnografia dos valores do trabalho e do dinheiro entre motoristas de aplicativo em Porto Alegre (Brasil) e Atlanta (EUA)**. 2022. Tese de Doutorado em Antropologia - Curso de Pós-Graduação em Antropologia, UFRGS.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, José de Souza. **A aparição do demônio na fábrica, no meio da produção**. Tempo Social, v. 5, p. 1-29, 1993.